

## ESPIRITISMO E LITERATURA

### O UNIVERSO RELIGIOSO ESPÍRITA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

*Marlene Duarte Bezerra<sup>1</sup>  
Carlos Tolovi<sup>2</sup>*

**Resumo:** O resumo faz um breve exame da doutrina Espírita Kardecista inserida na obra literária de João Guimarães Rosa (1907-1968), Grande Sertão: Veredas (1956), com ênfase nas pistas e nas possibilidades de celebração do Espiritismo por intermédio da personagem "Quelemém". Tarefa que explicita temas caros ao Espiritismo/Kardecismo, tais como: reencarnação; carma/lei do progresso; curas; rezas; influência dos espíritos no mundo; mediunidade e outros assuntos correlatos. A partir daí há descobertas de que Rosa inseriu com autonomia, a doutrina Espírita no espectro cultural brasileiro por meio de sua obra maior.

**Palavras-chave:** Espiritismo; Kardecismo; Literatura; Ciência da Religião; Guimarães Rosa; Grande Sertão: Veredas.

Segundo o princípio espírita, a reencarnação se fundamenta na existência da alma humana, na existência de Deus e na lei de causa e efeito. De acordo com esse ensinamento doutrinário todos os espíritos tendem a perfeição e Deus fornece os meios para que esta seja alcançada. Para o espírito criado, simples e ignorante há o necessário desenvolvimento intelectual e moral. Para este desenvolvimento há o requisito para que aconteça o estágio do espírito na matéria, pois esta é aquela que fornece as dificuldades, as provas, que devem ser vencidas a fim de se alcançar o progresso, a evolução. Por inúmeras vezes, ocorre o estágio na matéria, tantas quanto bastem para que haja a progressão intelectual e moral, sendo o progresso infinito. 2020

O estágio na matéria tende a acabar quando esta não oferecer mais dificuldades ao espírito, quer seja, quando o espírito atingir certo grau de perfeição. Várias vidas sucessivas são necessárias para o despojamento de todas as imperfeições do espírito que não terá mais necessidade das provas da vida corporal, o que torna o espírito puro.

Allan Kardec:

A vida do espírito, no seu conjunto, percorre as mesmas fases que vemos na vida corporal; passa gradualmente do estado de embrião ao da infância, para alcançar, por uma sucessão de períodos, a idade adulta, que é a perfeição, com a diferença de que não conhece o declínio e a decrepitude como na vida corporal; que essa vida, que teve começo, não terá fim; que é preciso um tempo imenso, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita a um desenvolvimento completo, e seu progresso se realiza não sobre uma só esfera, mas passando por mundos diversos. A vida do espírito se compõe assim de uma série de existências corporais, sendo cada uma, para ele, um oportunidade de progresso, da mesma forma que cada existência corporal se compõe de uma série de dias em cada um dos quais o homem adquire um acréscimo de experiências e de instrução (KARDEC, 1994, p.112).

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marlene.mdb@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: ctolovi@yahoo.com.br

A lei de causa e efeito se justifica nas vidas sucessivas que implica na compreensão de aceitar a teoria da reencarnação,

Tudo se mantém: os efeitos se encadeiam às causas, cada ação suscita uma reação compensatória que tende a fazer desaparecer o excesso eventual, o "Mal" se cura, pois, pelo próprio "Mal". Não há necessidade de apelar para um Deus vingador, encarregado de fazer aplicar um regulamento qualquer (UTÉZA, 1994, p.76).

Neste princípio há a submissão da Lei de que toda ação promove uma reação e para este feito, é necessário o reconhecimento do processo reencarnatório, pois apenas o reconhecimento corpóreo não se verifica para essa Lei.

A ciência do Espiritismo de Kardec é guiada pelo magnetismo, pois trata do campo magnético mental que cada indivíduo constrói para si, pois cada mente respira as ondas que despede na psicosfera em que gravita para esse ou aquele objetivo sentimental, conforme os próprios desejos.

Os sentimentos de afeição ou de ódio, fazem com que as relações de estabeleçam. Os de afeição, criando laços de afinidade e os de ódio no aprisionamento que acabam ligando as pessoas, o que odeia, carrega o inimigo nas costas, e perde a sua soberania.

2021

Outro aspecto da Doutrina Kardecista que tangem as vozes de Riobaldo e *Quelemém*, é a Lei do Progresso, que de acordo com Kardec (1994, p.303) essa lei é uma das leis naturais, imutáveis, eternas e perfeitas e funcionam igualmente para todos os seres.

É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não sufocar. Quando essas leis se lhe tornam incompatíveis, ele as afasta com todos aqueles que tentam mantê-las, e assim o será até que o homem tenha colocado suas leis em conformidade com a justiça divina, que quer o bem para todos, e não leis feitas para o forte, em prejuízo do fraco (KARDEC, 1994, p.305).

Rosa, permite a aproximação da Doutrina Espírita com a sua narrativa e, é a partir dessas observações que nos embrenhamos como veremos a seguir.

### **O Espiritismo em Grande Sertão: Veredas**

A obra maior do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, publicada em 1956, constitui um laboratório para as pesquisas científicas. O Espiritismo em *Grande Sertão: Veredas* é amplamente difundido. Sabemos que o escritor mineiro trabalhou com redes de textos encimados em suas narrativas e em escalas espirais que faz com que o leitor transite entre idas e vindas, em subidas e descidas na tentativa de encontrar um ponto de apoio.

É através do depoimento de Riobaldo que podemos inferir a voz de *Quelemém* com a sua autoridade moral. A respeito dessa personagem *Quelemém*, Utéza afirma:

A função de Quelemém, única personagem a se impor nestas primeiras quinze páginas, é essencial enquanto referência que permite retificar sistematicamente todo erro eventual de orientação: serve como rebatedor das confusões sempre possíveis com dogmas do catolicismo romano. Assim, por meio da herança brasileira do kardecismo, um aspecto fundamental da Tradição - hoje manifesta no Oriente - se inscreve em filigrana nos motivos da tapeçaria que acolhe o visitante na entrada do labirinto (UTÉZA, 1994, p.77).

Assim, de forma sucinta trarei a tona alguns princípios básicos do Espiritismo que estão disseminados no relato de Riobaldo ao seu interlocutor doutor *Quelemém*.

No que toca a teoria da Reencarnação de Allan Kardec, vejamos que ela é cogitada na obra *Grande Sertão: Veredas*, primeiramente quando Riobaldo narra a estória da personagem Aleixo, o infrator homicida, que tira a vida de um velho pedinte. Nessa narrativa que se insere dentro da narrativa maior, observamos que o Aleixo, logo após o seu delito de matar, vê os filhos serem acometidos pela doença e pela cegueira. Esta é uma das pequenas estórias que nos mostra a teoria da Reencarnação, pois a cena retrata um acontecimento de pós-morte ocasionada pela doença dos filhos como um ato severo de punição. A cena imediata de punição leva-nos a observar um outro Aleixo arrependido e redimido de seus pecados.

Desta narrativa podemos também enfatizar a questão do mal na concepção espírita, segundo os princípios kardecista, que precíua que o homem quanto mais primitivo, mais se escraviza aos instintos, haja vista, o que caracteriza um povo bárbaro e selvagem é a preocupação apenas com a satisfação das necessidades materiais, porque não possui outras qualidades. Conforme Kardec, o fundamento do mal se dá na inferioridade (primitiva) do sujeito que quanto mais primitivo, mais voltado para si ele se torna.

No processo evolutivo da doutrina kardecista os Espíritos de acham em diversos graus de adiantamento moral e intelectual e em todos os graus há ignorância e saber. Nas classes mais primitivas constituem os Espíritos com propensão ao mal "A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos (KARDEC, 1984, p. 132).

Riobaldo, o narrador, contesta a punição do ato da personagem Aleixo estendida aos seus filhos.

Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar (ROSA, 1986, p.29).

Neste trecho, Riobaldo levanta o questionamento de que não só a personagem Aleixo estava sendo punido, mas também seus filhos e que isso não era justo. A resposta conferida à sua indagação se estrutura na doutrina Espírita, com o estágio da experiência e desenvolvimento intelectual e moral. Riobaldo, após esta passagem de seu compadre *Quelemém* aprova a teoria

reencarnacionista com o aceite das vidas sucessivas: "Por isso dito, é que a vida para o Céu é demorada (ROSA, 1986, p.38).

Os espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa ao homem a escolha do caminho; tanto pior para ele, se toma o mau: sua peregrinação será mais longa. Se não houvesse montanhas, o homem não poderia compreender que se pode subir e descer, e se não houvesse rochedos, ele não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é preciso que ele conheça o bem e o mal (KARDEC, 1994, p.261).

Este será o nosso pequeno fio condutor, a linha do discurso de uma das vozes de outrem dentre o ecoar de muitas que são citadas e que toma corpo, assumindo uma posição preponderante.

A personagem reforça a sabedoria da fala e explicita a lei de causa e efeito, base que justifica as vidas sucessivas, que pressupõe o aceite da teoria da reencarnação, bem como, a lei de causa e efeito, ou lei do carma:

Sob este duplo modo de ver, reencarnação-carma, não existe sofrimento que não seja o resultado de um ato anterior, nem mal que não concorra em definitivo para o bem (UTÉZA, 1994, p. 76).

2023

O trecho retrata o princípio de que o ser se submete a lei que faz com que toda ação promova uma reação. Sendo assim, os filhos do Aleixo, na vida atual, não mereciam a cegueira, mas possivelmente teriam trabalhado em vidas anteriores para a cegueira atual e Riobaldo se mostra conivente com o princípio reencarnacionista.

Vários são os pesquisadores que exemplificam as obras de Rosa como um caleidoscópio, ou seja, cada um pode abordá-la a seu gosto. O nosso caminho se enveredará no imaginário de um Riobaldo com a presença incontestada de seu compadre *Quelemém*, que é o amigo espírita do nosso narrador. Mergulhar na voz de Riobaldo para dela emergir com a voz de *Quelemém*: "compadre meu *Quelemém* é que muito me consola (ROSA, 1986, p. 25). É, submergir a voz de Riobaldo para trazer a superfície a voz de *Quelemém* com o discurso da filosofia Espírita Kardecista, atravessada por Riobaldo. É na tentativa de trilhar esse caminho sinuoso que tentarei trazer os conceitos Espíritas que ele encerra.

O discurso riobaldiano apresenta uma leitura da doutrina Espírita na voz de *Quelemém*: doutrina dele de Cardéque (ROSA, 1986, p.32), que nos permite encontrar janelas, portas, espaços em branco por onde se possa passar, penetrar e achar sentido. Nesta vereda é possível encontrarmos o discurso produzido a partir de inúmeras vozes sociais que se completam, se reforçam, se contradizem, se conflitam de modo que é possível perceber dentro da voz diversas vozes que dialogam, que ecoam atravessando o texto de um discurso a outro, como que na

incorporação da palavra alheia pressentida por Riobaldo. Em outra alçada caberia a análise do discurso, por sua natureza transdisciplinar, de investigar a origem, a importância, a dimensão e a intenção das vozes dentro de um discurso como o de Riobaldo. No entanto, iremos seguir a indicação da doutrina Espírita em *Grande Sertão: Veredas*.

Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu, a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser (ROSA, 1986, p. 38).

O referido céu de Riobaldo não faz referência ao céu católico, vez que provém da voz de *Quelemém*. Francis Utéza nos orienta para a o ensinamento doutrinário de Kardec:

A quem confundir este céu com o que popularizou a mitologia católica, faremos notar que falta a referência ao Purgatório, onde a alma se depura progressivamente - e que não seria um discípulo de Kardec que se deveria ter recorrido para defender tal posição. Preconizado a reencarnação, o kardecismo não tem nenhuma necessidade dum purgatório post-mortem (UTÉZA, 1994, p.75).

Vejamos que as vidas sucessivas são inúmeras e facultam o despojamento das impurezas, "se alimpou tanto" que as provas da vida corporal tornaram o espírito puro.

Retomando a cena do Aleixo, podemos reforçar que a sabedoria doutrinária de *Quelemém* 2024 é inteira e completa na filosofia kardecista.

Sob este duplo modo de ver, reencarnação-carma, não existe sofrimento que não seja o resultado de um ato anterior, nem mal que não concorra em definitivo para o bem (UTÉZA, 1994, p.76).

Utéza, é incisivo no que toca ao princípio da Lei da causa e efeito ou lei do carma. Princípio este que submete o ser humano à lei que faz com que toda ação promova uma reação. Como já explicitado, não há possibilidade da aceitação dessa lei sem o reconhecimento reencarnatório. Assim sendo, os filhos do Aleixo, na vida atual, nada haviam trabalhado para receber o salário da cegueira, no entanto, noutra vida, possivelmente haviam labutado para a cegueira atual.

Riobaldo corrobora com o pensamento reencarnacionista: Eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho de inimigo (ROSA, 1986, p.29).

Adiante a narrativa traz mais uma estória que vai de encontro com a estória do Aleixo que se redime da sua situação de dor.

Desta vez, encontramos Pedro Pindó, sua mulher e seu filho Valtêi. Esses pais de conduta ilibada, tentam educar o filho que é totalmente pré-disposto para a prática do mal, utilizando o método do castigo. No entanto, acabam sentindo prazer em castigar a criança, diariamente, com violentos castigos. "Acho que esse menino não dura (ROSA, 1986, p.30) . Os

castigos apresentados na narrativa de Rosa, são tão severos que o menino é mapeado totalmente desfalecido, digo, à beira da morte.

Para complementar os ditos de Riobaldo, de que Eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho de inimigo, vem a teoria Espírita reencarnacionista cheia de investidura para justificar a situação do menino e a sua relação com os pais. Esta possibilidade se firma no gosto que os pais acabaram sentindo ao castigar o menino Valtêi, tal como uma vingança pelas ações sofridas no passado. Esses comportamentos são encontrados em obras Espíritas que relatam os processos de simpatia e antipatia entre pessoas da mesma família ou não. Simpatias ou antipatias podem ser frutos de relações ocorridas em vidas passadas,

Os espíritos que se reencarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são o mais freqüentemente Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se traduzem pela afeição durante a vida terrena. Mas pode ainda acontecer que esses espíritos sejam completamente estranhos uns para os outros, separados por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem também por seu antagonismo na Terra, a fim de lhes servir de prova (KARDEC, 1993, p. 196).

É comum, por exemplo, seres que se odeiam, nascerem juntos, tanto quanto aqueles que se amam. A união dos seres, segundo Kardec se faz por laços que não reconhecemos. A ciência para compreender esses laços, é a ciência do campo magnético, pois os sentimentos sejam de ódio ou afeição, fazem com que as relações se estabeleçam. Os sentimentos de afeição criando laços de afinidade e os de ódio, laços que aprisionam, levando o processo reencarnatório conjuntos. 2025

Parece que João Guimarães Rosa, sugere essa teoria nas falas de Riobaldo:

Sou ruim não, sou homem de gostar dos outros, quando não me aperreiam; sou de tolerar. Não tenho a caixeta da raiva aberta não (ROSA, 1986, p. 193).

No Espiritismo quando se curte raiva de alguém é a mesma coisa que se autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a idéia e o sentir da gente. Isso é falta de soberania. O sentimento de aversão ou raiva ligam as pessoas.

Retomando a personagem de Pedro Pindó, Riobaldo questiona: "Não sendo como compadre meu Quelemém quer, que explicação é que o senhor dava (ROSA, 1986, p. 193)?"

No espectro da teoria reencarnacionista, Riobaldo mesmo responde ao seu questionamento, aquele menino tinha sido homem. Devia, em balanço terríveis perversidades. Alma dele estava no breu. Mostrava. E, agora, pagava (ROSA, 1986, p. 193):

Eu confiro com meu compadre Quelemém, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem - que, por todo mal, que se fez, um dia se repaga o exato. Sujeito assim madruga três vezes, em antes de querer facilitar em qualquer minudência repreensível...Compadre meu Quelemém nunca fala vazio, não substrata (Rosa, 1986, p.21).

Ademais:

Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do céu, a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. Como a gente não carece de ter remorso do que divulgou no latejo de seus pesadelos de uma noite (ROSA, 1986, p.21).

Afirma Kardec, tal como Quelemém, afirma que os sofrimentos passados não interferem na felicidade do espírito, quando este se encontra purificado: "É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não é mais do que um sonho mau, que elas afloram a memória" (KARDEC, 1994, p.183).

Riobaldo também traz relatos de pessoas aleijadas, disformes e doentes, trazendo mais uma vez os princípios reencarnacionista, em um casa de primos que tiveram filhos sem braços e sem pernas, apresentando a crença de um outro doutor que andava pelo sertão em busca de pedras preciosas. Dele diz Riobaldo "me discorreu dizendo que a vida da gente encarna e reencarna, por progresso próprio, mas que Deus não há (ROSA, 1986, p.56).

Parece que Riobaldo não aceita a negativa da existência de Deus, no entanto, o princípio reencarnacionista não questiona:

Honras não conto alto, porque acho que acerto natural assim é de Deus, dom dado. Pelo que compadre meu Quelemém me explicou: que eu devo de noutra vida, por certo em encarnação, ter trabalhado muito em mira em arma. Seja? Pontaria, o senhor concorde, é um talento todo, na idéia. O menos é no olho, compasso (ROSA, 1986, p. 151).

Narrativa que confirma a teoria reencarnacionista. Haja vista também o progresso intelectual e moral afirmado doutrinariamente pelo Espiritismo de Kardec que expõem que todas as experiências por que passa o sujeito nessa vida ou em outras, fica registrado na memória para evocar as percepções análogas as percepções atuais.

É possível identificar a doutrina kardecista, não somente na voz de Quelemém, mas em todo o fio condutor do romance, desde as jagunçagens até a condição da natureza humana em toda a sua profundidade, pois o princípio espírita, leva o leitor a identificar aos poucos um maior conhecimento de si, do mundo e do outro, proporcionando liberdade e ampliação do livre-arbítrio que vai se dilatando inexoravelmente.

De acordo com a lei natural que o Espiritismo divulga e que também encontramos na voz de Riobaldo, podemos perceber que ela é a única capaz de facultar a felicidade ao homem, pois é eterna e imutável e nela são incluídas todas as leis da natureza, bem como as leis que regulam o comportamento das almas humanas.

Compadre meu *Quelemém* descreve que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de última estirpe.

### **Considerações finais**

Ao voltarmos nossa atenção para a narrativa, tal como é representado na voz de meu compadre Quelemém, buscamos compreendê-lo como portador da voz e do imaginário do conceito moral que permite nos posicionar diante da atribuição conceitual individual do sentido da vida. Guimarães Rosa, reelabora conceitos doutrinários a partir da experiência de cada um frente aos desbravamentos sertanejos. Cujos intentos foram mais o de dialogar na busca de sentido que não se fixa apenas em um olhar. Dessa maneira, podemos resgatar o princípio filosófico da Doutrina Espírita Kardecista inserida em *Grande Sertão: Veredas*, por meio do relato de Riobaldo para o doutor e para nós leitores, talvez, fazendo-nos entender que o ato de analisar ajuda também quando se narra, se representa e se dá ressignificação.

### **Referências bibliográficas:**

- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1994.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. São Paulo: Lake, 1993.
- NUNES, Benedito: *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.